

A literatura dos clássicos das virtudes:

Uma leitura para desenvolver a educação das sensibilidades

Cristiane de Mesquita Alves

RESUMO: O objetivo deste artigo é fazer uma análise interpretativa do livro de contos de fadas *Clássicos das virtudes: para crianças de todas as idades* a partir de uma leitura destinada à educação das sensibilidades presente nas dez virtudes apontadas nas dez narrativas infantis selecionadas pela releitura de Paulo Moura, com ilustrações de Jéssica Olmedo (2016), no intuito de observar como a (re) adaptação dessas histórias feita por Moura pode contribuir para o ensinamento das atitudes e/ou ações humanas na formação identitária dos jovens leitores, por meio da apresentação do texto literário infantil empregado nesta discussão, em sua função de educar e do divertir. Para tanto, este trabalho foi organizado nos procedimentos teóricos e metodológicos de revisão de literatura de alguns conceitos de Literatura Infantil, de Abramovich (2006), Lajolo e Zilberman (2003), Zilberman (1987, 2005), Verunschik (2008) e Zancani (2006), e na proposta de Educação e sensibilidade de Santin (1997), responsáveis por alicerçar a argumentação levantada nessa breve investigação, acerca deste tipo de educação presente no livro infantil em estudo.

Palavras-chave: Contos de fadas; Educação; Sensibilidades.

ABSTRACT: The objective of this article is to make an interpretative analysis of the book of fairy tales *Classics of Virtues: for children of all ages* from a reading aimed at the education of sensitivities present in the ten virtues pointed out in the ten children's narratives selected by Paulo Moura's reading, with illustrations by Jéssica Olmedo (2016), in order to observe how the (re) adaptation of these stories made by Moura can contribute to the teaching of human attitudes and/or actions in the identity formation of young readers, through the presentation of the children's literary text used in this discussion, in its function of educating and have fun. Therefore, this work was organized in the theoretical and methodological procedures of literature review of some concepts of Children's Literature by Abramovich (2006), Lajolo e Zilberman (2003), Zilberman (1987, 2005), Verunschik (2008) and Zancani (2006) and in the Education and Sensibility proposal by Santin (1997), responsible for basing the argument raised in this brief investigation, about this type of education present in the children's book under study.

Keywords: Fairy tale; Education; Sensitivities.

PARA INTRODUZIR... OS CONTOS

A CRIANÇA que pensa em fadas e acredita nas fadas
Age como um deus doente, mas como um deus.
Porque embora afirme que existe o que não existe
Sabe como é que as cousas existem, que é existindo,
Sabe que existir existe e não se explica,
Sabe que não há razão nenhuma para nada existir,
Sabe que ser é estar em algum ponto
Só não sabe que o pensamento não é um ponto qualquer.
Alberto Caetano, in "Poemas Inconjuntos". (PESSOA, 2018, p. 113, grifo do autor).

O imaginário e a imaginação persistem e são intrínsecos ao universo infantil. A criança que ouve ou lê histórias é dotada de um arsenal simbólico que contribui para a intensificação da construção de um mundo fantasioso e para a soma de experiências e memórias que constituirão sua identidade e ajudarão a formar opiniões sobre os modos como ela irá estabelecer a comunicação com os outros ao seu redor. E, para isso acontecer, o acesso à leitura das narrativas infantis de modo frequente “é importante para a formação de qualquer criança [para ela] ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...” (ABRAMOVICH, 2006, p. 16).

Nesse olhar, a leitura dos contos de fadas ajuda a criança a preencher as lacunas que o pensamento racional ainda

não é capaz de preencher, uma vez que “A história [que] os conduz é uma obra que apresenta o mundo através da ótica da infância, pois, apesar de o narrador ser um adulto, ele centra toda sua atenção no universo mágico das personagens mirins.” (ZANCANI, 2006, p. 63).

Esse universo mágico é o território da fantasia presente nestes textos, como expressão máxima e mais verdadeira dessa ligação entre o real e o imaginário responsável pelo encantamento diante das irrealidades provocadas pela leitura e pela produção de histórias, que funcionam em uma leitura psicanalítica como uma ordem transferencial, ou seja, o encontro com personagens, narradores, autores e leitores estabelecem identificações e desejo de acesso ao mundo simbólico e mágico apresentado nas narrativas.

Para Zilberman (2005, p. 91), “a presença da magia, resultante da ação de seres dotados de propriedades sobrenaturais, como fadas, bruxas, feitiços. [...] [é um dos] componentes decisivos para a constituição dos contos de fadas.” Além destes critérios fundamentais presentes nos contos, outros fatores chamam atenção para a questão do como estudar ou destinar o livro de contos de fadas às crianças. Muitos pesquisadores já direcionaram suas investigações para os aspectos históricos e culturais, outros para as leituras do simbólico e do psicanalítico, e muitos voltados à questão do lúdico, do divertir e do ensinar – da forma mais

tradicional e histórica de compreender a função do texto literário para criança etc.

Neste estudo, não há pretensão de apontar caminhos para uma melhor análise orientada para o estudo dos contos de fadas, há um objetivo, analisar interpretativamente um dos livros de contos de fadas: *Clássicos das virtudes: para crianças de todas as idades*, procurando compreender, na leitura dos contos escolhidos por Paulo Moura (2016), qual a finalidade do autor em indicar para cada conto, uma virtude. Ao se deparar com esta situação, este trabalho aproxima a intencionalidade do escritor, não apenas em guiar a leitura do conto de fadas para o educar e para o divertir, refletindo a tendência mais usual do papel da Literatura infantil, mas também do que Santin (1997) chamaria de Educação da/e sensibilidade.

Essa educação é aquela que mergulha no misterioso mundo da vida humana, não observada sob o ponto de vista biológico, mas surpreendida no interior das construções simbólicas que sustentam as diferentes ordens culturais. Aquela educação que acredita que a sensibilidade pode trazer um revigoramento do processo de humanização ou re-humanização da humanidade, buscar outras formas de educar capazes de proporcionar um novo encontro do homem consigo mesmo e com o universo (SANTIN, 1997), através da valorização dos bons sentimentos humanos contidos nas ações e nas atitudes cotidianas. Partindo-se deste

pressuposto, o livro *Clássicos das virtudes: para crianças de todas as idades* pode ser entendido como um livro que desperta no pequeno e grande leitor este tipo de educação.

A educação das sensibilidades se aproxima do imaginário, o que contribui de modo significativo para promover a curiosidade infantil e transformar a criança em um adulto mais sensível capaz de responder, segundo Abramovich (2006), uma relação de tantas perguntas e encontrar outras ideias para solucionar questões da vida adulta. O imaginário é uma “possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – de um jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história.” (ABRAMOVICH, 2006, p. 17). Quanto mais a criança desenvolver o imaginário e exercer sua curiosidade diante das coisas e das pessoas, ela poderá “esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas...” (ABRAMOVICH, 2006, p. 17).

Diante disso, este trabalho se organizou, além dessa introdução, em mais duas partes: uma que procurou apresentar cada conto e sua virtude correspondente, de acordo com a indicação do próprio livro, com acréscimos de pensamentos dos pressupostos teóricos empregados ao longo da análise; e a outra, voltada às

considerações conclusivas do estudo, seguida da lista dos aportes que sustentaram as colocações realizadas na discussão no decorrer do artigo.

ERA UMA VEZ... OS CONTOS, AS VIRTUDES E A EDUCAÇÃO DAS SENSIBILIDADES

O menino quer um burrinho para passear.

Um burrinho manso, que não corra nem pule, mas que saiba conversar. O menino quer um burrinho que saiba dizer o nome dos rios, das montanhas, das flores, — de tudo o que aparecer.

O menino quer um burrinho que saiba inventar histórias bonitas com pessoas e bichos e com barquinhos no mar.

E os dois sairão pelo mundo que é como um jardim apenas mais largo e talvez mais comprido e que não tenha fim.

(Quem souber de um burrinho desses,

podê escrever para a Ruas das Casas, Número das Portas, ao Menino Azul que não sabe ler). (MEIRELES, 2017, p. 483-484).

Os leitores de contos de fadas são leitores que não deixaram de ser como os meninos azuis da poesia de Cecília Meireles. Leitores de todas as idades que estão em desenvolvimento e seduzidos pelas histórias de fantasias proporcionadas por esses textos, até os leitores que não aprenderam a ler pelos códigos da escrita, mas que têm seus próprios meios de ler o mundo. A infância e a vida adulta se tornam mais sólidas e mais felizes, se forem permeadas pelas narrativas do ouvir, ler, contar, fantasiar, inventar, reinventar, escrever etc., uma vez que, por esses procedimentos vinculados à ação do

narrar, esta ação permite ao leitor, ouvinte e/ou autor, contador das narrativas criar uma outra realidade capaz de procurar no sonho e na estética um fomento para a vida mental, para se viver melhor no plano real; essa é uma das características da Literatura infantil.

Outras características completam a definição de literatura infantil, impondo sua fisionomia. A primeira delas dá conta do tipo de representação a que os livros procedem. Estes deixam transparecer o modo como o adulto quer que a criança veja o mundo. Em outras palavras, não se trata necessariamente de um espelhamento literal de uma dada realidade, [...] e essa propriedade, permite a exposição de um mundo idealizado e melhor, embora a superioridade desenhada nem sempre seja renovadora ou emancipatória. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p. 19).

Desse ponto de vista, as leituras literárias carregam dentre suas várias funcionalidades, entre a criação e a diversão para o pequeno leitor, um aprendizado, sobretudo, a Literatura que se postula como infantil. Um dos livros eleitos para se analisar essa função literária é o *Clássicos das virtudes: para crianças de todas as idades*, na adaptação do texto de Paulo Moura, ilustrado por Jéssica Olmedo.

As narrativas infantis que se destacam neste livro são dez. A primeira é o tradicional conto francês *A Bela e a Fera* ou *A Bela e o Monstro*, escrito por Gabrielle-Suzanne Bardot, a dama de Villeneuve, em 1740, mas popularizado em 1756 na versão de Jeanne-Marie Le Prince de Beaumont. *O era uma vez ...* do

início da história ganha um crédito antes, como por exemplo: “Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta... o amor nunca falha.” (MOURA, 2016, p. 9), mensagem educativa que principia todos os *era uma vez* de todas as demais narrativas de fadas evidenciadas neste livro.

O modo de fazer literário, para narrar contos de fadas, reaparece com outra feição, no intuito de promover o ato de ler por meio de uma educação que demanda a exploração das sensibilidades do público leitor, buscando nas narrativas o despertar da essência humana alegorizada por sentimentos/virtudes nestes contos. Alguns aspectos das narrativas tradicionais foram preservados, como: ambientação campestre e apologias à violência “decorrentes dos acontecimentos do uso da força, movidos seja pela maldade, seja pela necessidade de sobrevivência.” (ZILBERMAN, 2005, p. 91). Envenenamentos, tentativa de devoração e perseguição de seres humanos por animais, automutilação, castigos ainda estão presentes no decorrer dos dez textos selecionados para ensinar virtudes ao público leitor com base nos contos de fadas.

A versão do conto original *A Rosa dos espinhos* é conhecida em sua adaptação pelos Irmãos Grimm como *A Bela Adormecida* e foi publicada em 1812. O conto tem sua apresentação por: “A gratidão é a maior medida do caráter de uma pessoa.” (MOURA, 2016, p. 21),

levando seu público infantil, ou mesmo os grandes, a aprenderem que se deve agradecer – de coração – a todas as pessoas que oferecem ajuda para as conquistas da vida, assim como as fadas (mulheres sábias, retratadas assim no texto), que doam seus dotes para proteger a vida da princesa, até que ela desperte para conquistar um grande amor, mesmo após muitos anos.

O conto de fada *Branca de Neve*, originário da tradição oral alemã e compilado pelos Irmãos Grimm, reaparece na forma de: “Quando somos bons para os outros, somos ainda melhores para nós.” (MOURA, 2016, p. 33), para representar a solidariedade e a bondade das sete pessoas desconhecidas, no caso dos anões, que ajudaram uma moça sozinha e em perigo, e não desejaram nada em troca pela moradia, proteção, amor e amizade ofertados à menina, criando assim uma relação de reciprocidade.

Na mais famosa história infantil, publicada pela primeira vez em 1697 por Charles Perrault, seguido pelos Irmãos Grimm, *Chapeuzinho Vermelho*, a questão da obediência e o respeito pelas experiências e orientações dos mais velhos são articulados com muita frequência pelo adaptador dos contos de fadas deste livro que se analisa. A premissa do conto é “Onde existir orgulho não haverá lugar para a obediência.” (MOURA, 2016, p. 45), retratando a desobediência de *Chapeuzinho Vermelho* a sua mãe e

como essa atitude de orgulho e mau comportamento pode trazer danos a uma criança mal-educada que não respeita os pais.

Essa discussão de valores ressaltada nos contos parte da compreensão de que a sensibilidade humana vai além da sensibilidade dos demais seres vivos, que ela é capaz de criar, de inventar novas formas de viver, “que reside[m] a grande riqueza do ser humano, mas também o seu grande perigo. Riqueza porque pode estender ilimitadamente os horizontes de sua vida; um perigo porque pode enclausurar-se num modelo de vida que julga definitivo.” (SANTIN, 1997, p. 9). Não se deve privilegiar vontades e desejos próprios, em detrimento dos outros, não se importando com o que pode de ruim acontecer. Há muitas situações na vida em que as regras sociais devem ser obedecidas para o bem-estar de todos.

O livro *Clássicos das virtudes: para crianças de todas as idades* entende o papel da Literatura infantil a partir da ideia de que “a literatura não contraria a velha lei do Lavoisier, conforme a qual nada se cria, tudo se transforma. Ainda que se considere que um escritor é um criador, ele produz uma obra a partir de sua experiência, de leituras e do que esperam dele.” (ZILBERMAN, 2005, p. 13), sendo assim, a interpretação que é dada aos contos de fadas é voltada às funções do divertir, do estimular a ler e do educar, uma educação que destaque não precisamente as habilidades e as

competências do raciocínio, mas uma educação que enfatize a sensibilidade, a afetividade, uma educação que apresente o “conhecimento da vida [que] me é dado pelo sentir a vida e ocorre pelo fato de ser vivo. [...] é o ponto de partida para organizar o modo de viver.” (SANTIN, 1997, p. 9).

Este sentir é mais uma das atitudes intencionalizadas pela leitura literária, considerada como um direito universal ao homem; ela aparece claramente como manifestação “universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação.” (CANDIDO, 2004, p. 174). Os contos de fadas estão a todo o momento sendo revestidos por novas roupagens para comprovar a assertiva do crítico literário brasileiro. Algumas releituras mantêm a tradição das narrativas orais, como as de Perrault e dos Irmãos Grimm, e outras, como as de Moura, atribuem o olhar nas potencialidades do novo público, redigindo e (re)adaptando os clássicos, direcionando-os a uma educação destinada ao desenvolvimento das sensibilidades.

Se pensar a leitura de um livro de contos de fadas por este viés, parte-se então do ponto de referência da sensibilidade como “um apelo que vem do momento vivido, é a exigência de uma situação ou a necessidade de um fato presente ou a provocação de um desafio

repentino.” (SANTIN, 1997, p. 14). Em uma leitura fabulosa, pode-se observar, ou melhor, pode-se intencionar todos esses apontamentos de Santin. Isso se deve ao fato de que a narrativa mágica dos contos de fadas, grosso modo, serve para encantar, divertir, seduzir, ensinar, aprender, provocar e estimular mudanças de comportamentos.

À guisa disso, ler contos de fadas e para o quê a criança lê contos de fadas é educar os sentidos e aprimorar a sensibilidade que corresponderá à resposta direta de um chamamento (que no caso deste estudo pode ser associado às virtudes), independentemente do que está estabelecido. Não se está indicando uma aplicação de uma receita de como se educar pelos contos de fadas, mas, de apontar uma forma de direcionar a um dos roteiros de leituras deste livro para um público em formação e em construção identitária, por exemplo, como o infantil. E, fazer este caminho, por uma direção do sensível para chegar à criança, é um desafio em tempos, como hoje, carregados pelos excessos e aparatos tecnológicos. Assim, faz-se necessário buscar uma educação pela sensibilidade, já que ela constrói com liberdade o que deve ser feito para atender a quem lhe solicita uma atenção, faz-lhe um pedido, dirige-lhe um olhar e busca-lhe um sentido e um aprendizado.

Um dos textos de contos fadas que mais traz isso em sua origem é *Cinderela*, um dos mais populares do imaginário da sociedade, com suas diferentes versões. A

mais conhecida é a do escritor francês Charles Perrault, de 1697, baseada no conto italiano *La gatta cenerentola/ A gata borralheira*. No livro *Clássicos das virtudes: para crianças de todas as idades*, é introduzido por: “Quanto maiores somos em humildade, mais próximos estamos da grandeza.” (MOURA, 2016, p. 57). O autor retrata de forma terna a protagonista e mantém a presença da magia dos animais no enredo, bem como as dificuldades e humilhações sofridas pela moça, até os êxitos de suas vitórias.

Outros valores são destacados como a dedicação, o trabalho e o muito esforço no conto de *João e o pé de feijão* – conto de origem inglesa, apresentado em duas versões. A mais antiga, de Benjamin Tabart, de 1807, e a mais popular de Joseph Jacobs, de 1890. Há destaques das ações e das habilidades de João no trabalho, das dificuldades enfrentadas por João para realizar as tarefas, das conquistas das aquisições materiais como a harpa mágica e a galinha dos ovos de ouro, além de o início da narrativa ganhar um *era uma vez* diferente, como nos demais contos: “Em primeiro lugar vem a dedicação, depois a habilidade.” (MOURA, 2016, p. 69).

Outra virtude que chama atenção do jovem leitor ou dos leitores que se mantêm sempre jovens é “A persistência é a maior rainha de todas as virtudes”. (MOURA, 2016, p. 81), abertura para contar *O patinho feio*, escrito pelo dinamarquês Hans Christian Andersen, publicado em 1843. A narrativa retrata a

persistência do patinho na busca de um lugar para viver e questiona o valor da verdadeira beleza.

Peter Pan, embora seja uma personagem criada por J. M. Barrie para sua peça de teatro intitulada *Peter and Wendy*, que originou o livro infantil com o mesmo nome, em 1911, foi escolhido pelo autor de *Clássicos das virtudes: para crianças de todas as idades*, para compor o quadro das personagens dos contos de fadas que representam ações virtuosas. A virtude elencada para representar Peter foi a coragem: “A maior prova de coragem é suportar as derrotas sem perder o ânimo.” (MOURA, 2016, p. 93). Nesta história, diferente das demais, há a presença de crianças que não crescem, há uma importância dada à questão da imaginação e como ela é fundamental na formação do imaginário e na identidade da criança. Não é demais dizer que a criança é um ser imaginativo por excelência. “Com os olhos capazes de aceitar mais facilmente o maravilhoso, ela consegue enxergar no mundo uma magia e um colorido muitas vezes inalcançáveis pelo adulto, e, nessa atitude criadora que é o ato imaginativo” (VERUNSCHK, 2008, p. 25), a Literatura ocupa um papel estratégico para isso, pois ela alimenta a

criação de novas interpretações nas mentes infantis.

Em *Pinóquio*, o boneco que sonha em ser humano – clássico da Literatura infantojuvenil escrito pelo italiano Carlo Collodi, em 1881, o brinquedo se destaca para ensinar uma lição importante nas brincadeiras para crianças que devem ser levadas a sério: a honestidade. E para enfatizar a lição, a história do Pinóquio discute no início da narrativa, os temas sobre a herança e a honestidade: “Nenhuma herança é tão rica quanto à honestidade.” (MOURA, 2016, p. 105).

Para finalizar a apresentação dos contos de fadas que se destinam a ensinar valores aos leitores de todas as idades, tem-se o conto *Os três porquinhos*. Suas primeiras três publicações datam do século XVIII. O escolhido para análise foi na versão divulgada por Joseph Jacobs em 1853. O cerne do conto oscila na premissa de que “A amizade duplica as alegrias e divide as tristezas” (MOURA, 2016, p. 119). Este é um dos contos que mais destaca o valor da amizade, da família e do lar.

De modo geral, pode-se esquematizar os contos e as virtudes ensinadas por sua leitura no quadro:

Quadro 1: Contos e virtudes ensinadas.

	Conto de fada	Virtude ensinada
01	<i>A Bela e a Fera</i>	Amor
02	<i>A Bela Adormecida</i>	Gratidão
03	<i>Branca de Neve</i>	Bondade
04	<i>Chapeuzinho Vermelho</i>	Obediência
05	<i>Cinderela</i>	Humildade

06	<i>João e o Pé de feijão</i>	Dedicação
07	<i>O Patinho Feio</i>	Persistência
08	<i>Peter Pan</i>	Coragem
09	<i>Pinóquio</i>	Honestidade
10	<i>Os três porquinhos</i>	Amizade

Fonte: Elaboração da autora.

Pela leitura e análise interpretativas das dez narrativas de contos de fadas presentes no livro *Clássicos das virtudes: para crianças de todas as idades*, observa-se que, ao elencar dez virtudes para que a criança reflita ou aprenda para formar sua identidade humana, este livro se torna um dos textos destinados à infância que “estão de acordo com determinados valores que a sociedade pretende preservar ou transformar, o estudo do acervo infantil é importante para o conhecimento da sociedade que o produz e para a verificação da visão da infância que esta sociedade possui.” (ZANCANI, 2006, p. 57). Ensinar valores, virtudes a crianças por meio da Literatura infantil está associado a uma das funções deste tipo de Literatura, em especial pela particularidade da educação que se pretende estabelecer pela Literatura, uma educação voltada a refletir, a ensinar, a sentir e compartilhar ações humanas que contribuam para a melhor formação identitária da criança, do leitor, por meio da educação das sensibilidades.

E... A HISTÓRIA ACABOU ASSIM

Pelas breves considerações sobre a leitura dos contos de fadas no livro *Clássicos das virtudes*:

para crianças de todas as idades e seu direcionamento ao ensino de uma educação pela sensibilidade para crianças e para todos os leitores que ainda se encantam com as narrativas dos contos de fadas, chega-se a pontuar algumas notas conclusivas.

A começar pela educação da/e sensibilidade e sua escolha para estabelecer relação com a leitura das virtudes nos contos de fadas. A educação pela/e sensibilidade está intrínseca ao ensino da Literatura e das Artes por estas categorias estarem estritamente vinculadas à condição humana. Santin (1997) defende que a sensibilidade não tem condições de ser entendida através de uma representação mental contida em definições, mas na contemplação dos fatos em que foi vivenciada ou, talvez, com maior riqueza, nos momentos em que nós mesmos, cada um de nós, a experienciou de maneira intensa.

Nesta perspectiva, a Literatura dos contos de fadas, ao explorar as virtudes (os sentimentos), está preocupada em formar – no/a leitor/a – uma identidade de valores que serão adquiridos e compartilhados na compreensão e na sensibilidade dos/nos/ outros ao redor e nas experiências advindas da convivência em sociedade.

Sendo assim, a Literatura dos contos de fadas continua exercendo o papel do educar, do tom pedagógico da Literatura infantojuvenil de suas origens, pois ela possui um caráter formador tanto da criança, quanto do jovem, caráter este ligado diretamente à assimetria entre adulto/criança/adolescente, já que todos são envolvidos e seduzidos por esta Literatura.

Logo, ao pensar em elaborar uma história com essas funcionalidades, como se pensou no texto de *Clássicos das virtudes: para crianças de todas as idades*, enfatizou-se o quanto a educação das sensibilidades está presente nesta releitura dos contos de fadas. Além disso, a história da Literatura infantil se confunde com as transformações vividas pelos contos de fadas principalmente no século XIX, havendo a preocupação de dotar os jovens com textos adequados a sua educação (ZILBERMAN, 1987). Quando a moderna pedagogia passou a enfatizar uma formação emancipatória das crianças, a Literatura infantil respondeu com textos renovados que buscavam a criatividade infantil, transmitindo aos leitores sua mensagem progressista, mas que não deixou de se interessar pela forma tradicional de narrar os contos dos séculos anteriores. Como Zilberman (1987) já escreveu, os gêneros evoluem juntos – não se consegue pensar a narrativa de fadas fora do âmbito da Literatura infantil, seja ela apresentada na sua forma dita tradicional, seja nas muitas releituras realizadas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: Gostosuras e Bobices. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2006.
- CANDIDO, A. **Vários Escritos**. 4 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.
- LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira**: História e Histórias. 6 ed. São Paulo: Ática, 2003.
- MEIRELES, C. Ou isto ou aquilo. In: MEIRELES, C. **Poesia Completa**. Vol. 2. São Paulo: Global, 2017. p. 469-520.
- MOURA, P. **Clássicos das virtudes**: para crianças de todas as idades. Ilustração: Jéssica Olmedo. São Paulo: Pé da Letra, 2016.
- PESSOA, F. Poemas Inconjuntos- Poemas completos de Alberto Caeiro. In: PESSOA, F. **Ficções do interlúdio**. São Paulo: Novo Século Editora, 2018. p. 97-131.
- SANTIN, S. **Educação e sensibilidade**, 1997. Disponível em: http://labomidia.ufsc.br/Santin/Filosofia/Educa%C3%A7ao_e_Sensibilidade.pdf. Acesso em 12 abril. 2022.
- VERUNSCHK, M. Histórias mágicas. In: **Revista Discutindo Literatura Especial** – Literatura Infantil e Juvenil: conquistas de um dos gêneros que mais cresce no Brasil, São Paulo: Escala Educacional - v. 3: 24- 29, 2008.
- ZANCANI, C. A visão premiada da infância: a legitimação do livro infantil. In: AGUIAR, V. T.; MARTHA, A. A. P. (Orgs). **Territórios da leitura**: da literatura aos leitores. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis; ANEP, 2006. p. 57-68.
- ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1987.

ALVES, C. de M.

ZILBERMAN, R. **Como e por que ler a Literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SOBRE A AUTORA:

Cristiane de Mesquita Alves é Profa. Adjunta II do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará (ILC/UFPA). Pós-doutoranda em Língua e Literaturas Espanhola e Hispano-americana pela Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (UNAMA-Bolsista PROSUP/CAPES). Líder do Grupo de Pesquisa *Mulheres Amazônicas e Latino-americanas na Literatura e nas Artes* (MALALAS- UFPA/ CNPq).